

RECENSIONI

Francisco MARTÍNEZ (ED) | *Politics of recuperation: Repair and recovery in post-crisis Portugal*, London and New York, Bloomsbury, 2020, pp. 256.

A austeridade despedaçou Portugal. Ao longo da última década foi necessário voltar a colar o país, peça por peça. Mas como e para quem? Editada por Francisco Martínez, esta antologia oferece-nos um retrato etnográfico das micro-práticas culturais mobilizadas para recuperar da austeridade, sublinhando o carácter político do quotidiano e a importância da dimensão material na resposta social às múltiplas crises que ocorreram em Portugal. Frequentemente excluído da política, o trabalho quotidiano com a materialidade é neste livro reconsiderado como fundamental na regeneração de relações afetivas e no esforço para afirmar possibilidades alternativas de transformação social, económica e epistemológica.

Organizada em nove capítulos, na introdução da obra Francisco Martínez operacionaliza a ideia de recuperação, conceito que permite reconhecer a dimensão política do quotidiano e o papel dos pequenos gestos no compor e recompor do mundo. A recuperação é uma micro-prática que pode reproduzir ou contestar estruturas, reforçar laços sociais e prefigurar subjetividades dominantes ou alternativas. Mais importante, esta ideia abre a possibilidade de reconsiderar os grupos mais vulneráveis da sociedade não como vítimas passivas da crise e da austeridade, mas como agentes criativos engajados em abrir espaço para a sua contestação e transformação. É sobre este tema que se debruçam os capítulos seguintes.

Ema Pires transporta-nos ao Monte da Pedra, registando a forma quase poética como a crise potenciou gestos de empatia, solidariedade e lealdade que reconfiguraram o espírito de comunidade e as relações entre os habitantes. Pelos olhos de Margarida, Alberta e Josefina, a autora mostra como a recuperação nas zonas rurais, onde as crises são regra e não exceção, se materializou através de uma lógica de reciprocidade, patente tanto em simples trocas de serviços e pequenos empréstimos ou em relações de clientelismo.

André Novoa debruça-se sobre a Cooperativa Fruta Feia, projeto que prefigura um modo alternativo de distribuição e consumo e onde a recuperação se materializa na construção de uma rede de colaboração inter-espécies que



abarca produtores, consumidores e a própria fruta. Todavia, ao concentrar-se apenas na recuperação dos excessos do capitalismo, sem questionar a necessidade de reduzir os crescentes níveis de produção, consumo, ou movimento que o tornam possível, este projeto acaba por contribuir para otimizar mais do que contestar o status-quo.

Giacomo Pozzi explora a recuperação habitacional em Santa Filomena, onde a apropriação da terra e a edificação improvisada de habitações informais serviram para reduzir a vulnerabilidade e construir uma identidade partilhada. A bibliografia social destes edifícios oferece-nos um ponto de vista privilegiado sobre o potencial transgressivo do urbanismo improvisado, mostrando como a identidade coletiva e as relações sociais entre os habitantes do bairro se consolidaram em paralelo com a progressiva utilização de materiais cada vez mais resistentes na sua edificação, do cartão, à madeira, ao cimento.

Chiara Pussetti e Vitor Barros percorrem a trajetória do EBANOCollective, um projeto que pretende democratizar a cultura e promover o direito à cidade. Olhando para três exemplos, explicam como as práticas coletivo foram gradualmente apropriadas por políticas culturais cujos efeitos não só contribuem para a gentrificação da zona como aceleram todo o processo. Para além de exporem a dualidade da arte urbana, entre modo de resistência e prática de resiliência, revelam como Lisboa é um local particularmente fértil para compreender a crescente subordinação da cultura ao capital.

Marcos Farias Ferreira e Francisco Martínez exploram os esforços regenerativos para transformar uma antiga fábrica de tecidos num espaço cultural e criativo, onde se encenam formas radicais de ser e de estar no mundo e no qual a recuperação de um espaço coincidiu com a recuperação da esperança e do político. Da dança ao teatro, do cinema à pintura, a Fábrica de Alternativas serviu de palco a um processo quase terapêutico de convívio, intercâmbio e regeneração coletiva. Forjada por uma sequência de gestos improvisados, a forte componente material da fábrica foi determinante para que em meses fosse possível transformar uma peça do capitalismo num espaço de resistência.

O impacto social do urbanismo neoliberal é o tema abordado por Luís Mendes e André Carmo, que rastreiam a genealogia do modelo neoliberal de planeamento urbano em Portugal e o seu efeito como multiplicador de desigualdade e insegurança sistémica. Em seguida, analisam os esforços recuperativos da Habita, associação cujas práticas visam ampliar o acesso ao espaço público e o direito à habitação, promovendo o planeamento urbano assente numa lógica mais horizontal, participativa e inclusiva.

Inês Lourenço explora a relação entre as dimensões simbólicas e materiais da recuperação, seguindo de perto todo o processo que levou à edificação de um novo templo Hindu em Santo António dos Cavaleiros. Fruto de um intenso processo de negociação e sujeito às contingências financeiras, o planeamento e construção do templo contribuiu para restabelecer relações e valores entre a diáspora, criando as condições materiais que necessárias para fortalecer o diálogo intergeracional e ampliar a sua inclusão e visibilidade na sociedade portuguesa.

Maria Manuela Restivo e Luciano Moreira analisam as tensões inerentes à recuperação da arte popular portuguesa, mostrando como os esforços para recuperar, regular, certificar e reclassificar a arte popular não se têm necessariamente manifestado na melhoria das condições sociais e materiais dos artesãos. Apesar do seu potencial transformativo, a recuperação das práticas artesanais portuguesas foi orientada por uma lógica de mercado que visa permitir aos turistas aceder, comprar e encontrar pessoas, locais e objetos autênticos. Torna-se necessário questionar o que estamos a recuperar e com que propósito.

Livia Jiménez Sedano leva-nos até ao mundo dos aficionados pelo *quizomba*. A forte componente ritualística, o seu ritmo lento e proximidade física tornam esta dança numa prática potencialmente transgressiva que desafia a crescente imprevisibilidade, aceleração e enfraquecimento dos laços sociais do quotidiano urbano. A obsessão pelo *quizomba* é uma forma de tentar forjar relações, de contestar o isolamento, de experienciar um sentimento de pertença, de recuperar a o controlo sobre a sua vida e sobre o seu corpo. Contudo, para os aficionados dançar não é entendido como uma estratégia para resistir à crescente precaridade e insegurança económica, mas como um mecanismo para as tornar suportáveis.

Por fim, Tomás Sánchez Criado realça a importância que as micro-práticas de recuperação podem assumir no esforço coletivo para reimaginar não só as sociedades mais drasticamente afetadas pela crise como responder aos desafios do projeto político Europeu. É essa também a mensagem de Isabel David, para quem a recuperação merece ser explorada em escalas mais alargadas, indispensáveis para compreender o contexto da crise em Portugal, e a forma como esta perpetua um sentimento generalizado de insegurança ontológica.

Esta antologia oferece um dos mais sofisticados relatos antropológicos sobre a sociedade portuguesa no pós-crise. Para além da inovação teórico-conceptual forjada pelas ideias de recuperação e reparação, o livro dialoga com uma agenda epistemológica cada vez mais interessada em desenvolver metodologias pós-antropocêntricas, que exaltam a agencialidade das coisas e a

sua capacidade para reproduzir ou transformar estruturas, relações e subjetividades. Além disso, abre novas linhas de investigação nos debates sobre a resposta à crise no contexto português, reforçando a necessidade de ir além da esfera pública e mapear os esforços regenerativos materializados no seio da vida privada. Por estes motivos, trata-se de uma obra indispensável para antropólogos, sociólogos, geógrafos, e cientistas políticos que se interessem pelas recentes transformações da sociedade portuguesa e queiram perceber o complexo repertório cultural mobilizado neste contexto.

João TERRENAS

CEI/ISCTE-IUL / University of York

jdmts@iscte-iul.pt